

Médico baiano em greve quer demissão

Salvador — Além de manter fechadas as emergências dos principais hospitais do Estado, abrindo exceção apenas para o Couto Maia, Maternidade Tysla Balbino e Hemocentro, os quatro mil médicos da rede estadual, em greve desde o dia 20 de abril, mostraram-se ontem dispostos a um pedido de demissão em massa, caso o governador Nilo Coelho mantenha-se irredutível na posição de não acei-

tar a reivindicação da categoria, de um piso mínimo de 12 salários mínimos. A mensagem do governador, em apreciação na Assembléia Legislativa, prevê um piso de Cr\$ 18.700, considerado "inaceitável" pelo comando da greve.

Hospitais como Roberto Santos e Ernesto Simões, este destinado ao atendimento pediátrico, estão com as portas cerra-

das. No Hospital Geral do Estado — HGE — recentemente inaugurado em substituição ao Getúlio Vargas, que foi fechado, os grevistas só admitem o atendimento de casos extremos, com riscos de vida. Casos em que os pacientes apresentam condições de remoção para outros hospitais não são atendidos. Na exceção aberta no HGE, foram atendidos dois meninos atropelados, sendo que um deles morreu e o outro ficou internado.

Uma comissão de deputados federais e estaduais está tentando reunir representantes do Sindicato dos Médicos, o governador Nilo Coelho e o secretário de Saúde, mas até ontem isto não tinha sido possível. O governador diz que já cumpriu sua parte, mandando o Plano de Cargos e Salários para a Assembléia. Os médicos afirmam que o piso proposto não permite qualquer entendimento. A categoria mantém a exigência de 12 salários mínimos — perto de Cr\$ 44 mil, o que fica bem distante da proposta oficial.

Com a greve, os hospitais do Inamps ou particulares que mantêm convênio com o Inamps, prepararam esquemas especiais para atender ao acréscimo de demanda.



Os pacientes ficam sem atendimento nas portas dos hospitais